

6. Um diálogo com os dados

“(...) cara, você tá numa via, né, com cinco faixas, você tá na contramão, cara, tá todo mundo vindo de frente e você fica (...)”

(Fernando, participante desta pesquisa)

Os fragmentos apresentados no capítulo 5 promoveram uma discussão sobre a avaliação educacional e os temas que por ela atravessam com base da análise das falas dos participantes André, Fernando e Karina, que interagiram em um grupo focal proposto por mim. Como forma de complementar e refletir sobre os entendimentos recém debatidos com foco nas perguntas de pesquisa elaboradas para este trabalho, proponho, no presente capítulo, uma retomada a essas questões e sugiro um diálogo entre elas e a análise dos dados gerados no grupo focal.

Para tanto, no subitem 6.1 faço uma retomada às perguntas de pesquisa e discorro sobre elas com base em um apanhado dos posicionamentos e Avaliações dos professores participantes identificados e elucidados na análise. Vale lembrar que não tenciono oferecer respostas fechadas, sobretudo porque as perguntas de pesquisa funcionam como motivadoras de uma discussão e não como um modelo restrito no qual se encaixam conclusões categóricas. Tampouco acredito que o corolário deste estudo se limite a respostas a perguntas pré definidas, uma vez que as análises iluminam questões que transcendem os limites desses questionamentos. Desse modo, a seção 6.1 tem uma função organizadora, promovendo uma interação entre o plano inicial do estudo e o que foi compreendido a partir da análise dos dados, sem perder de vista o caráter inacabado da discussão levantada.

A palavra final deste diálogo com os dados ficará por conta do segundo encontro com os participantes da pesquisa, cujos detalhes foram descritos no capítulo 4 (cf. p. 110). Atendendo a uma sugestão de André, Fernando e Karina, na seção 6.2, faço um relato dos assuntos tratados nesse momento com vistas

apresentar suas impressões sobre a análise bem como suas considerações sobre o que deveria ser acrescentado ou enfatizado³⁸.

6.1. Retomando as perguntas de pesquisa

Para iniciar a discussão, recupero as duas perguntas de pesquisa deste estudo, as quais abordarei de maneira conjunta nas linhas que seguem.

- a) Como os participantes se posicionam discursivamente com relação à avaliação educacional?
- b) Que Avaliações e posicionamentos acerca dos temas relativos à avaliação educacional podem ser identificados no discurso dos participantes?

O grupo, de maneira geral, possui concepções definidas acerca da avaliação educacional e aponta, sobretudo, para seu caráter dinâmico e complexo. A avaliação educacional é apreciada por eles como um conceito móvel, não estático e que se configura como uma consequência do trabalho realizado ao longo de um período letivo. Os participantes julgam a avaliação educacional feita de maneira singular, seguindo um padrão único bem como criticam a associação automática entre avaliação e prova escrita, instrumento tradicionalmente utilizado para verificação do desempenho estudantil.

Sendo assim, o grupo reconhece o dinamismo e a complexidade do assunto da avaliação educacional que, além de poder se concretizar de diferentes maneiras, também deve ser ponderado levando em consideração o contexto onde se insere e todos os outros fatores a ele atrelados. Este posicionamento do grupo pode ser constatado não só pelos momentos em que os participantes mencionaram esses fatos diretamente, mas também pela gama de temas que surgiram a partir da proposta inicial de debater avaliação educacional. Surgiram, no discurso, questões sociais e políticas que funcionaram como balizadores do assunto da avaliação educacional, corroborando esse perfil localizado e contextual do conceito. Dessa

³⁸ Nesse segundo encontro, os participantes não fizeram menção a nenhum trecho de suas falas ou da análise com o qual discordassem ou que desejassem modificar. A discussão funcionou mais direcionada para uma reflexão sobre a interação.

maneira, a própria forma como os participantes conduziram a interação e apontaram tópicos de várias naturezas possui significados, isto é, constrói a visão de avaliação educacional para essas pessoas.

Um posicionamento do grupo que também chama atenção é a maneira como os participantes relatam práticas de dominação e pressão a que estão submetidos, julgando o comportamento desse sistema que os coage por meio de constantes cobranças. Essas pressões são construídas discursivamente por conceitos com uma forte carga social como “assédio”, por exemplo, engendrando um cenário opressivo para o professor que se sente compelido a produzir resultados a qualquer custo.

De acordo com os professores desta pesquisa, em alguns contextos, esses resultados têm sido manipulados a fim de construir uma imagem positiva da aprendizagem escolar, conduta também julgada negativamente pelos participantes. Dessa maneira, os resultados têm sido utilizados para pura exposição e não para servirem como diagnóstico orientador de medidas educacionais futuras. Ademais, diante de uma permanente demanda por números favoráveis na avaliação educacional, os próprios professores têm adotado comportamentos julgados como ilícitos e utilizado instrumentos de avaliação apreciados como inadequados. É bastante recorrente no discurso dos participantes o apontamento e Avaliação dessas questões éticas e morais que caminham lado a lado com os instrumentos avaliativos, sugerindo um posicionamento de desconforto perante algumas atitudes notórias em seu ambiente de trabalho.

Nesse contexto, cumpre ressaltar que os participantes têm o cuidado de modalizar seu discurso sobre tal manipulação de resultados indicando que não são todos os professores e nem todas as escolas que adotam essas práticas não legítimas de avaliação. Além disso, o grupo sinaliza que tais condutas são conseqüências de um sistema educacional que motiva a competição, adota valores como a meritocracia para premiar professores e atribui a performance dos alunos à competência docente. Todas essas formas de proceder são julgadas pelos participantes que parecem se mostrar resistentes à imoralidade e à falta de ética em alguns contextos por meio de um posicionamento assertivo e não aberto à negociação.

O sistema educacional em questão muitas vezes avaliado negativamente pelos participantes não é sempre referenciado explicitamente, no entanto, entendendo

que tal vagueza ocorre apenas no nível da lexicogramática. Se considerarmos que os participantes compartilham vivências docentes afins, como por exemplo, a rede e nível em que atuam, podemos inferir que, no nível semântico discursivo, existe um julgamento constante dirigido a condutas governamentais e medidas instituídas por órgãos que regulam a educação em seu estado. Esse posicionamento discursivo dos professores sugere um embate de vozes entre “nós professores” e “eles governo” que acaba delineando um panorama de luta na educação pública.

A avaliação do professor é mais um tema conflituoso que adiciona controvérsias a esse cenário. Os participantes avaliam esta prática em termos de sua complexidade, mas se mostram dispostos a serem avaliados. Uma das questões que envolve a avaliação do professor é a imposição de múltiplas tarefas nesse profissional, evento que é julgado pelos participantes negativamente. Ainda que o grupo aprecie positivamente os recursos disponíveis nas escolas, eles julgam a maneira como estes não têm sido utilizados devido à falta de profissionais nas escolas. Isso tudo acarreta uma sobrecarga de trabalho no professor e a sua avaliação, nessas condições, parece injusta.

O grupo também se posiciona afetivamente em relação ao oferecimento de benefícios financeiros aos professores que são considerados bem avaliados, demonstrando sentimentos de indignação em relação a essa conduta e reiterando que não está suscetível à corrupção que ela implica. Essa prática de concessão de recompensas em troca de bons resultados é julgada pelo grupo como uma estratégia que visa à divisão da classe dos professores, apreciada como já sendo naturalmente dividida.

Os valores afetivos estão presentes ainda quando os participantes exprimem seu apreço pela profissão e seu posicionamento de preocupação, cuidado e observação constante dos alunos. Por meio dos posicionamentos afetivos, os professores parecem desconstruir a ideia do professor inimigo do aluno e reivindicam um status mais igualitário para essa relação. Sendo assim, todos demonstram gostar do que fazem e estar envolvidos emocionalmente com o trabalho; no entanto, tantas dificuldades a que estão sujeitos os professores provocam desmotivação e desgosto pela profissão.

Sendo assim, o Afeto está presente do discurso dos participantes quando fazem referência a suas reações emocionais frente às práticas a que estão sujeitos

bem como nos momentos em que se posicionam como profissionais responsáveis e éticos. Na interação, o Afeto traça uma busca por solidariedade dos interlocutores, o que parece surtir o efeito desejado haja vista a maneira como os participantes legitimam posicionamentos uns dos outros por meio de elementos de concordância. Além disso, o não aparecimento de momentos de discordância durante toda a conversa já pode ser um fator que sugere e constrói uma empatia entre os participantes que parecem compartilhar dos mesmos sentimentos de desânimo e insatisfação.

Mesmo que tomados por sentidos como esses, em alguns momentos é perceptível na fala dos participantes que ainda há esperanças para que se trace outro caminho para esse enredo entristecedor. A forma afetiva com que os participantes se posicionam diante de sua profissão, o relato de algumas situações de sucesso que contrariam a regra e o apontamento de mudanças urgentes e estruturais no sistema educacional constroem a ideia de que o grupo não traz apenas reclamações. Ao contrário disso, os participantes sinalizam quais mudanças precisam ser efetivadas e demonstram vontade em participar delas.

As transformações indicadas pelos participantes incluem uma remodelação do sistema educacional, dos conteúdos, das condições de trabalho e das relações que se estabelecem nas escolas. Nesse sentido, os participantes julgam a forma como o currículo é estruturado, alegando sua falta de funcionalidade e apreciando negativamente as condições disponíveis para colocá-lo em prática, dentre as quais se destaca o tempo escasso. Como consequência, os professores parecem apontar um desencontro entre o sistema educacional e os envolvidos diretamente no processo de ensino e aprendizagem, de maneira que a escola é julgada como uma entidade que não cumpre seu papel social de promover oportunidades iguais a todos. Todos esses entraves contribuem para a desmotivação estudantil e para uma visão da fase escolar como um martírio pelo qual passamos por obrigação. Os professores levantam hipóteses sobre uma mudança estrutural cuja principal consequência seria uma preocupação menor com a avaliação educacional que deixaria de ser uma dificuldade.

No apontamento dessas possíveis soluções, como também ao longo de toda a interação, surge, pulverizada no discurso dos participantes, uma voz que dialoga com as visões críticas sobre avaliação educacional, isto é, seus posicionamentos e Avaliações, em diversos momentos, vão ao encontro de ideias

preconizadas na literatura sobre esse e outros temas afins. Essa convergência de pontos de vista demonstra, como já foi registrado em outros momentos deste trabalho, a necessidade de abrir espaço aos professores para que compartilhem suas experiências e impressões, não só para a obtenção de relatos e serem analisados por especialistas, mas para que suas opiniões sejam determinantes na elaboração e implementação de ações educacionais. Tal proposta está calcada na minha crença, já apontada em diversos momentos desta Tese, de que o professor é o *expert* na vivência da prática social da avaliação educacional. Reitero, então, que a participação desses profissionais é crucial na tomada de decisões no âmbito escolar e no contexto mais amplo do sistema educacional brasileiro, uma vez que eles possuem bagagem teórica e prática para deliberarem sobre os diversos assuntos que perpassam suas práticas.

Para fechar essa retomada às perguntas de pesquisa, vale destacar que, ao lançarmos um olhar panorâmico sobre os posicionamentos e Avaliações acerca da avaliação educacional e temas afins, observamos a frequência da presença dos sistemas discursivos da LSF também constroem conhecimentos sobre os dados. O fato de os participantes elaborarem seus posicionamentos prioritariamente em torno dos conceitos de Afeto e Julgamento sugere um foco nas inclinações emocionais e nos comportamentos observados no contexto educacional ao invés de na análise da avaliação educacional em si. Entendo essa ênfase como resultante de uma necessidade urgente de falar das emoções e das condutas atreladas à avaliação e que, por ser tão fundamental para os participantes, não deixa espaço para avaliar o conceito propriamente dito.

6.2.

O reencontro com os participantes: um relato reflexivo

A segunda conversa com os participantes desta pesquisa gerou os temas que serão discutidos nesta seção, que tomou o presente formato após um acordo do grupo sobre o que poderia ser feito a partir desse nosso reencontro. Primeiramente, Fernando sugeriu, em tom de brincadeira, que eu deveria “apertar o play” no dia da defesa da Tese para que os membros da banca pudessem nos ouvir. Demonstrando seu conhecimento sobre os rituais de defesa de trabalhos acadêmicos, Karina apontou que não haveria tempo disponível para a execução do

áudio e indicou que eu deveria fazer um parecer sobre os assuntos discutidos, enfocando a manutenção dos posicionamentos e a repetição das questões anteriormente narradas. André concordou que poderia ser feito um parecer, e destacou que o mais importante para ele seria pontuar que muitos dos problemas mencionados se agravaram, mas que hoje ele possui mais experiência para apontar medidas que orientem a conduta dos professores diante do contexto em questão.

A esse parecer sugerido por eles, atribuo o nome de relato reflexivo por dois motivos. Em primeiro lugar, porque busco seguir o acordo do grupo e cumprir nesta seção o papel de um parecer, que é apresentar uma opinião ou uma forma de pensar sobre alguma coisa, função que algo que se propõe reflexivo pode desempenhar. Além disso, esta segunda interação foi tão rica, que me pareceu mais proveitoso não apenas emitir uma opinião, mas também descrever a forma como os assuntos foram recapitulados e organizados, quais temas ficaram mais evidentes e as reflexões dos participantes sobre o que havia sido dito no primeiro encontro. Para esse fim, um parecer sugere a elaboração de uma concepção especializada e conclusiva, o que não corresponde à crença que subjaz a esta pesquisa de que os entendimentos são co-construídos na interação e não se encerram no enquadre do estudo em tela. Tendo esclarecido a organização na presente seção e seu título, passo ao relato.

O reencontro com André, Fernando e Karina se desenvolveu a partir da exposição do meu propósito em conversar com eles mais uma vez, informação dada a eles por e-mail e no início da nossa interação. Embora eu tivesse expectativas de que os participantes fizessem referências às suas falas e à análise dos dados que haviam recebido e lido, a discussão foi conduzida pelos assuntos que eles decidiram trazer à tona, de modo que fiz apenas algumas observações e menções aos conteúdos do grupo focal inicial, como a divisão dos pontos chave da interação em eixos temáticos e alguns trechos específicos de nossa conversa. Nessa configuração definida naturalmente ao longo de nossa conversa, os participantes demonstraram mais interesse em trazer informações complementares às que foram tematizadas inicialmente e reiterar alguns posicionamentos e Avaliações.

Em alguns momentos, notei alusões explícitas a trechos da análise dos dados, como por exemplo, a conexão feita entre o discurso dos participantes e o olhar acadêmico sobre avaliação educacional. Os participantes disseram perceber

e gostar do diálogo que se estabeleceu entre suas falas e o arcabouço teórico trazido para a análise. Os professores também falaram claramente que se viam repetindo as mesmas questões que os incomodavam dois anos atrás, com o agravante de que algumas delas se tornaram ainda mais problemáticas.

Mesmo nos momentos em que os participantes não citavam diretamente os pontos do primeiro encontro, considero que alguns dos posicionamentos anteriormente construídos se consolidaram de maneira mais enfática. Essa reflexão pessoal apoia-se no fato de toda a discussão ter sido orientada por três argumentos chave: a necessidade de valorização e participação do professor que trabalha em condições adversas, a oposição às ações governamentais e o apontamento de soluções que possibilitem mudanças na educação pública. Em vista disso, os subitens a seguir englobam, respectivamente, os assuntos supracitados.

6.2.1. Os protagonistas

André, Fernando e Karina, aqui protagonistas, manifestam a vontade de que sua participação extrapole os limites desta pesquisa. Assim como no primeiro encontro, sendo que agora de maneira mais evidente, os participantes reivindicam a participação docente na tomada de decisões educacionais e escolares. O grupo ressalta que hoje eles possuem mais informações sobre os instrumentos de avaliação externa, já que foram contratadas pessoas que vão às escolas com o intuito de esclarecer para a comunidade escolar os detalhes e objetivos dos modelos de avaliação oficial. No entanto, segundo os participantes, os professores continuam sendo expurgados não só da elaboração desses testes, como também de todas as questões político pedagógicas da escola, como a possibilidade de debater o calendário escolar, por exemplo, que, de acordo com o grupo, é compulsório e já vem pronto para ser cumprido nas escolas.

Ao invés de atuarem como protagonistas de suas práticas, os docentes sofrem imposições pautadas em portarias legais que normatizam e fiscalizam seu trabalho. Como efeito dessas pressões externas, os participantes se dizem impedidos de cumprir sua missão ou de fazer o mínimo daquilo que se propuseram. São vários os fatores que constroem o trabalho docente, tais como,

a quantidade de alunos em sala de aula, a falta de tempos de aula, as pressões nos conselhos de classe pela aprovação dos alunos, a impossibilidade de dedicação exclusiva, as grandes distâncias entre as escolas que provocam cansaço físico e mental, a incoerência entre as exigências instituídas e a falta de estrutura nas escolas para cumpri-las, entre outros.

Mediante a um sistema que desvaloriza o professor, os participantes desta pesquisa indicam que, muitas vezes, se adequar às imposições externas é uma alternativa a enlouquecer. André, Fernando e Karina relatam algumas experiências pessoais nas quais se sentiram acuados bem como questões de estresse relacionadas à vida escolar que afetam sua saúde e vida pessoal.

Por outro lado, de maneira geral, os participantes demonstram certa resistência a esta conjuntura desfavorável, o que já havia sido apontado a partir da análise dos dados. Surgem outras informações sobre as ações que configuram tal resistência, como por exemplo, a dedicação às aulas, o pensamento direcionado ao aluno e suas necessidades e uma tentativa de fazer o máximo possível dentro das limitações que lhes são impostas. Emerge no discurso, mais uma vez, um posicionamento afetivo dos professores, que buscam a realização pessoal e a execução de um trabalho digno graças ao entendimento de um compromisso com o outro.

Em meio a muitas críticas ao sistema educacional, em alguns momentos da nossa conversa, os participantes destacam que há coisas boas para se dizer sobre a escola. Os elogios concentram-se em torno de ações de alunos e professores que destoam do panorama desfavorável narrado, como a dedicação e engajamento de alguns estudantes em atividades escolares e as iniciativas docentes que escrevem projetos e buscam parcerias fora do âmbito governamental para beneficiar a estrutura e comunidade escolar.

6.2.2.

O embate das vozes: nós X eles

Na análise e na discussão dos dados desta pesquisa, apontei que parecia haver um confronto de ideais entre os professores e as ações dos órgãos reguladores da educação, que eram constantemente julgadas por eles. No reencontro com os participantes, esse embate também se apresenta de maneira

latente em seus discursos, com a ressalva de que agora tais entidades são referenciadas mais explicitamente na figura das secretarias de educação, do governo e de funcionários dessas instituições.

Os participantes acusam os órgãos reguladores de se preocuparem com indicadores da qualidade educacional e, nessa busca desenfreada por eficiência numérica, o processo de avaliação é esvaziado de sentidos, já que não existe um retorno aos alunos e sim uma classificação que hierarquiza as instituições escolares, cidades e regiões. Conforme foi sugerido pela análise das falas do grupo focal, os participantes atribuem esse foco nos resultados a uma necessidade de criar uma imagem educacional promissora que tenha o potencial de atrair investimentos externos.

A problematização da capacidade dos índices traduzirem qualidade da educação permeia o discurso dos participantes por intermédio de ironias direcionadas aos funcionários das secretarias de educação. Segundo os professores, essas pessoas têm acesso às melhores condições estruturais de trabalho, como ar condicionado e motorista particular e estão sempre vestidas formalmente com muitos adereços e maquiagem. Considero que essa descrição, baseada no simbolismo do que se convencionou chamar de “perfumaria”, também manifesta uma denúncia dos participantes sobre o hábito de travestir uma realidade educacional com uma pintura mais atraente.

Nesse contexto, os participantes denunciavam as intenções políticas nas ações governamentais que estão em oposição aos interesses educacionais dos professores. É reconstruída, então, no discurso dos participantes, uma imagem bastante conflituosa entre os dois lados desse confronto, cuja desarmonia só vem a prejudicar o andamento do trabalho docente.

6.2.3. Um olhar para o futuro

Esta última parte do diálogo com os dados lança um olhar para o futuro. Já no primeiro encontro com os participantes, sinalizei alguns encaminhamentos apontados pelos professores como forma de lidar com as dificuldades narradas, como por exemplo, a remodelação da estrutura escolar e curricular e o aprimoramento das condições de trabalho dos docentes. Neste segundo momento,

os professores enfatizam ainda mais as condutas que eles consideram necessárias para solucionar os problemas do sistema educacional. A análise da pertinência destas soluções foge ao escopo desta pesquisa, uma vez que seu objetivo é a discussão e compreensão dos posicionamentos dos professores que atuam na educação básica da rede pública. Ademais, está subjacente a este trabalho a assunção de que, embora possamos vislumbrar semelhanças entre o contexto desenhado pelos professores participantes e outros contextos de educação pública, os entendimentos aqui construídos são localizados e orientados por um viés teórico específico. Sendo assim, o relato reflexivo destas visões futuras levantadas pelos participantes se justifica pelo fato de este ter sido um assunto bastante enfatizado na discussão.

Inicialmente, o grupo aponta soluções advindas das instâncias governamentais, sendo a principal delas motivar a valorização social do profissional professor. Essa valorização, segundo um dos participantes, só será possível se estiver atrelada a melhorias salariais. Embora os participantes desejem ser valorizados pelo simples fato de serem professores, é com um tom de lamento, que indicam que a sociedade orienta seus valores com base na questão financeira e, portanto, se o professor tiver acesso a um salário digno, ele será mais respeitado.

Outra perspectiva que veio a complementar a discussão anterior foi a sugestão de que a promoção de melhorias no sistema educacional está baseada nas iniciativas locais de algumas comunidades e alguns professores que tentam fazer da escola um ambiente mais significativo. O engajamento dos profissionais consiste na proposta de pensar a escola “do portão para dentro”, isto é, não esperar atitudes externas e pensar conjuntamente atitudes locais que motivem consequências globais. A saída, segundo os participantes, vem da solidificação da parceria professor-aluno bem como do compromisso e participação de ambos no processo de ensino e aprendizagem. Desta maneira, os professores acreditam que estarão não só criando condições para desenhar um futuro diferente para a educação como também construindo sua própria valorização na sociedade.

Ao mesmo tempo em que ressaltavam a necessidade desse envolvimento docente, o grupo repensava suas considerações diante dos obstáculos que vez ou outra eram enunciados, tais como, a desunião da classe docente, o caráter heroico dessas atitudes, a total impossibilidade dessas ações em algumas realidades e a

dificuldade em executá-las em uma sociedade onde o conhecimento já não parece tão sedutor. Dessa maneira, esse posicionamento missionário de resistência não está disponível em todos os contextos educacionais.

O fim desta seção coincide com o fim da interação entre os participantes desta pesquisa no nosso reencontro, quando uma observação do grupo me chamou atenção. O participante André afirmou, e foi prontamente acolhido pelo grupo, que não consegue ver um caminho promissor incentivado pelas ações governamentais, mas que, por outro lado, a pesquisa acadêmica dentro das universidades pode auxiliar os professores da educação básica na busca por melhores condições educacionais, sobretudo no que se refere à abertura desse espaço para que eles possam se fazer ouvir.